

LITERATURA
◆
DIREITO
◆
PENSAMENTO
◆
DOCÊNCIA
◆
ARTE
◆
SOCIEDADE

LITERATURA

DIREITO

DOCÊNCIA

ARTE

SOCIEDADE

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Eleja um e leve seis: Taurino Araújo tem o perfil

um estudo de caso em sociologia literária
no contexto da Academia Brasileira de Letras

RINALDO TRINDADE

ARTIGO

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Eleja um e leve seis: Taurino Araújo tem o perfil — um estudo de caso em sociologia literária no contexto da Academia Brasileira de Letras

Rinaldo Trindade,
advogado trabalhista

Nota de publicação — Publicado originalmente em versão jornalística no portal [Notícia Livre](#), em 18 de outubro de 2026, e republicado pelo [Jornal O Sollo](#), em 19 de outubro de 2026. A presente versão acadêmica foi ampliada e contextualizada para circulação científica.

Primeira publicação acadêmica online (preprint): 21 de outubro de 2026

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.23541627>

ABSTRACT

This article examines, as a case study in contemporary intellectual and literary sociology, the multidisciplinary profile of Brazilian poet, thinker, jurist, critic, visual artist, professor and cultural organizer TAURINO ARAÚJO, candidate for Chair 32 of the Brazilian Academy of Letters (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS). Rather than treating biographical multiplicity as a mere accumulation of professional activities, the study investigates whether a coherent intellectual structure can be identified across apparently heterogeneous fields of production. Drawing on critical assessments by NELSON CERQUEIRA, CELSO CUNHA NETO, of the Brazilian Association of Art Critics (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE - ABCA), LÍCIA SOARES DE SOUZA, WASHINGTON LUIZ DA TRINDADE, ROMMEL ROBATTO, GUILHERME JOSÉ DE CARVALHO NETO, MÁRIO NELSON CARVALHO and other readers of TAURINO ARAÚJO's work, the article examines the convergence between poetic creation, theoretical thought, Law, literary criticism, cultural agency and visual arts. Attention is given to the critical reception of *A Caturna*, *Guadalupe Madre* and *Hermenêutica da Desigualdade*, as well as to the concept of the “Seven Doors”, in which six major dimensions of TAURINO ARAÚJO's trajectory converge into a seventh: integration itself. The study also considers the relationship between this multitrajectory and the cultural genealogy of Chair 32, whose patron, MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE, likewise combined literature, painting, journalism, theatre, teaching and diplomacy, and whose history includes such multidisciplinary figures as ARIANO SUASSUNA and ZUENIR VENTURA. From this perspective, the scientific and critical interest of TAURINO ARAÚJO's profile lies not in the

enumeration of accomplishments, but in the investigation of an unusual model of intellectual coherence: one in which aesthetic creation, conceptual production, institutional action and cultural mediation operate as interdependent dimensions of a single authorial project. It further examines what may be termed “capacity for the future”: the distinction between retrospective recognition of an accomplished body of work and the prospective intellectual, cultural and institutional potential of an author whose work remains in active development. Within this critical reception, LÍCIA SOARES DE SOUZA has described TAURINO ARAÚJO as “one of the most original thinkers Brazil has ever produced,” while other studies have identified an authorial “scar” in the Portuguese language, transdiscursive coherence, socioliterary achievement and the hypothesis of a genuinely Brazilian epistemology. The case therefore raises a broader question relevant to literary studies, intellectual history and cultural sociology: how should contemporary institutions interpret intellectual identities that can no longer be adequately described through a single disciplinary category?

Keywords: Taurino Araújo; Brazilian literature; intellectual multitrajectory; transdisciplinarity; cultural sociology; literary criticism; Brazilian Academy of Letters; Chair 32; intellectual biography; cultural convergence; poetic creation; theoretical thought; Law; literary criticism; cultural agency; visual arts.

RESUMO

Este artigo examina, como estudo de caso no campo da sociologia intelectual e literária contemporânea, o perfil multidisciplinar do poeta, pensador, jurista, crítico, artista visual, professor e organizador cultural brasileiro TAURINO ARAÚJO, candidato à Cadeira 32 da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Em vez de tratar a multiplicidade biográfica como simples acumulação de atividades profissionais, o estudo investiga se é possível identificar uma estrutura intelectual coerente entre campos de produção aparentemente heterogêneos. A análise se apoia nas leituras críticas de NELSON CERQUEIRA, CELSO CUNHA NETO, da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA), LÍCIA SOARES DE SOUZA, WASHINGTON LUIZ DA TRINDADE, ROMMEL ROBATTO, GUILHERME JOSÉ DE CARVALHO NETO, MÁRIO NELSON CARVALHO e outros intérpretes da obra de Araújo, examinando a convergência entre criação poética, pensamento teórico, Direito, crítica literária, atuação cultural e artes visuais. Particular atenção é dedicada à recepção crítica de *A Caterna*, *Guadalupe Madre* e *Hermenêutica da Desigualdade*, bem como ao conceito das “*Sete Portas*”, segundo o qual seis grandes dimensões da trajetória de TAURINO ARAÚJO convergem numa sétima: a própria integração. O artigo considera também a relação entre essa multitrajetória e a genealogia cultural da Cadeira 32, cujo patrono, MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE, igualmente reuniu literatura, pintura, jornalismo, teatro, magistério e diplomacia, e cuja história inclui personalidades multidisciplinares como ARIANO SUASSUNA e ZUENIR VENTURA. Sob essa perspectiva, o interesse científico e crítico do perfil de TAURINO ARAÚJO não reside na enumeração de realizações, mas na investigação de um modelo incomum de coerência intelectual, no qual criação estética, produção conceitual, atuação institucional e mediação cultural operam como dimensões interdependentes de um mesmo projeto autoral. O estudo examina ainda aquilo que se pode denominar “capacidade de futuro”: a distinção entre o reconhecimento retrospectivo de uma obra já realizada e o potencial intelectual, cultural e institucional prospectivo de um autor cuja produção permanece em pleno desenvolvimento. No âmbito dessa recepção crítica, LÍCIA SOARES DE SOUZA situou TAURINO ARAÚJO entre “os pensadores mais originais que o Brasil já produziu”, enquanto outros estudos identificaram em sua obra uma “cicatriz autoral” na Língua Portuguesa, coerência transdiscursiva, êxito

socioliterário e a hipótese de uma epistemologia genuinamente brasileira. O caso suscita, assim, uma questão mais ampla, relevante para os estudos literários, a história intelectual e a sociologia da cultura: como devem as instituições contemporâneas interpretar identidades intelectuais que já não podem ser adequadamente descritas por uma única categoria disciplinar?

Palavras-chave: Taurino Araújo; literatura brasileira; multitrajetória intelectual; transdisciplinaridade; sociologia da cultura; crítica literária; Academia Brasileira de Letras; Cadeira 32; biografia intelectual; convergência cultural; poeta; pensador; jurista; crítico; artista visual; professor; organizador cultural.

Introdução

A multitrajetória de TAURINO ARAÚJO, candidato da Bahia à Cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de ZUENIR VENTURA, suscita uma pergunta maior que qualquer candidatura: que perfil pode tornar uma Academia cada vez mais viva?

Tomado sob essa chave, o presente texto assume deliberadamente a forma de um estudo de caso em sociologia literária no contexto da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: a candidatura à Cadeira 32 funciona como observatório institucional para examinar as relações entre obra, recepção crítica, circulação pública, consagração e capacidade de atuação cultural.

Advogado trabalhista, estou habituado a pensar em termos de decisão, viabilidade e conjuntura. Por isso, penso que uma candidatura não deve ser examinada apenas pelo valor abstrato de seus atributos, mas pela relação entre esses atributos, o momento e a instituição a que se destinam. Ônus e bônus. Há um custo em toda decisão.

É sob essa perspectiva que observo TAURINO ARAÚJO não apenas perguntando o tanto que ele realizou para chegar até aqui, mas o que seu perfil pode realizar concretamente dentro da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS neste momento de sua história.

É consabido que uma Academia reconhece obras, mas não premia somente passados. Ao escolher um novo imortal, incorpora um acadêmico ao seu presente e ao seu futuro. Em decorrência, duas perguntas, me parecem igualmente legítimas e pragmáticas: o que esse intelectual efetivamente realizou para chegar até aqui? E o que ainda poderá realizar, também efetivamente, depois de ser imortalizado?

No caso de TAURINO, a primeira resposta deve começar justamente onde a extraordinária multiplicidade de sua biografia poderia ocultar o essencial. Antes de todas as portas, está o poeta lavrador de mais de 3.000 páginas contendo entre elas alguns dos mais belos poemas da Língua Portuguesa. Antes do polímata, o poeta. É assim que TAURINO ARAÚJO chega à Academia como homem de letras e tudo o mais amplia e sedimenta essa condição.

Aos 57 anos, TAURINO ARAÚJO apresenta uma produção poética de mais de 3 mil páginas, atravessando diferentes registros: a lírica, a poesia civil, a experimentação formal, o poema narrativo, a meditação existencial e a palavra pública. *A Caterna*; *Guadalupe Madre*; *A caçambilha*; *É tarde, mas não é tarde*; *Poema absurdo*, todos eles pertencem ao mesmo autor sem reproduzir simplesmente a mesma dicção: é como se estivéssemos diante de poemas imprescindíveis.

Não estamos, assim, diante de poesia acrescentada como ornamento literário a uma carreira jurídica. Estamos diante de uma obra autônoma, continuada, extremamente relevante, e ainda em movimento na qual as definições de poeta e pensador utilizadas separadamente não bastam para definir o Poeta Civilizacional. Nesse sentido, talvez nenhuma demonstração seja mais expressiva do que a realizada por NELSON CERQUEIRA.

Em seu tratado crítico sobre *A Caterna*, ele acompanha um poema de apenas 96 versos até encontrar nele um sistema em que língua se converte em calçado, corpo, passo, pegada, território, memória e permanência. Ao final, considera insuficientes, tomadas separadamente, até mesmo as designações de “poeta” e “pensador” para dimensionar TAURINO e identifica em sua relação com o idioma uma “cicatriz autoral”. [A Caterna, de Taurino Araújo: um tratado crítico.](#)

Logo, essa talvez seja a primeira pergunta verdadeiramente acadêmica a fazer sobre TAURINO. Não quantos livros publicou nem quantas atividades exerce, mas: o que ele está fazendo e transformando com a Língua Portuguesa?

Em *A Caterna*, uma palavra rara deixa de ser curiosidade vocabular e passa a organizar uma travessia. PORTUGAL, SERRA DO CARAMULO, RECÔNCAVO e BAHIA tornam-se estações de uma língua que viaja, incorpora experiência e retorna modificada. O poeta recebe um patrimônio linguístico

secular e procura devolver-lhe sua própria marca. É nesse sentido que a expressão de NELSON — “cicatriz autoral” — possui tanta força. A grande questão literária deixa de ser a quantidade da produção e passa a ser a existência de uma voz reconhecível.

Castro Alves: herdar sem repetir

Também é preciso compreender o lugar de CASTRO ALVES na poesia de TAURINO ARAÚJO. *É tarde, mas não é tarde* enfrenta uma das heranças mais difíceis para qualquer poeta baiano: o condoreirismo, sua verticalidade, sua dimensão civil e sua confiança na potência pública da palavra.

TAURINO, porém, não procura escrever como CASTRO ALVES. O problema literário é muito mais interessante: o que ainda pode significar CASTRO ALVES depois de CASTRO ALVES?

Ao fazer isso, o impulso ascensional permanece, mas é submetido a outra engenharia verbal. O voo pode converter-se em degrau; a altitude, em construção; a proclamação romântica, em interrogação contemporânea. Permanecem liberdade, escravidão, memória, Atlântico, Bahia e responsabilidade pública da palavra. TAURINO não imita o condor: reinventa a verticalidade.

Essa é mais uma operação coerente com uma frase que reaparecerá neste artigo: herdar não é repetir; transformar não é romper, conforme evidencia o ensaio crítico produzido por EDSON REIS SANTANA.

Guadalupe Madre: quando a poesia produz teoria

Em *Guadalupe Madre*, a investigação muda novamente. A semioticista canado-brasileira LÍCIA SOARES DE SOUZA dedicou à obra o estudo de 42 páginas *Female Protagonism in Guadalupe Madre, by Taurino Araújo: A Hypothesis of Transdiscursive Coherence*.

Partindo do protagonismo feminino, o trabalho estabelece relações entre contextos culturais e literários distintos e propõe a hipótese da coerência transdiscursiva. Esse dado é relevante porque demonstra uma literatura que continua produzindo interpretação. Obra e fortuna crítica desenvolvem-se simultaneamente.

Aliás, é dentro desse conjunto que deve ser entendida uma das avaliações mais ousadas formuladas a respeito de TAURINO, quando LÍCIA o situa entre “*os pensadores mais originais que o Brasil já produziu*”.

Quando o poeta se torna sistema de pensamento

É nesse ponto que surge *Hermenêutica da Desigualdade*. Se a poesia impede reduzir TAURINO ao jurista, a *Hermenêutica da Desigualdade* impede reduzir o jurista ao advogado.

Nesse sentido, o eixo da teoria consiste em deslocar a desigualdade de uma categoria meramente socioeconômica para o próprio campo interpretativo: desigualdades reais, sociais, temporais, tecnológicas e simbólicas interferem na maneira pela qual sujeitos, instituições e linguagens produzem sentido. A recepção da obra registra incursões da teoria em 19 áreas do conhecimento.

Por causa disso, PEDRO LINO DE CARVALHO JÚNIOR formulou uma caracterização particularmente ambiciosa: “uma epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta”, surgida 95 anos depois da SEMANA DE ARTE MODERNA.

O interesse dessa aproximação com 1922 não está em fabricar equivalências históricas. Está na hipótese de um pensamento que nasce desde o Brasil, procura elaborar categorias próprias e, simultaneamente, reivindica capacidade de circulação universal.

Talvez esteja aí uma das singularidades que a crítica percebe em TAURINO: poesia e pensamento não funcionam como departamentos estanques. Há pensamento produzindo imagem e imaginação poética interferindo na elaboração conceitual. A palavra não é somente veículo do conceito; participa de sua construção.

Por isso, quando LÍCIA fala em originalidade do pensador e NELSON considera insuficientes as categorias isoladas de poeta e pensador, os dois críticos, partindo de objetos diferentes, aproximam-se de uma mesma questão: a dificuldade de separar criação estética e elaboração intelectual nessa obra.

Washington Trindade viu antes

Há um documento especialmente interessante porque antecede em quinze anos a atual candidatura.

Em 2011, o professor emérito da Universidade Federal da Bahia WASHINGTON LUIZ DA TRINDADE, mestre de TAURINO, escreveu *Metáfrase ao Comendador Taurino Araújo*. Inspirando-se numa passagem de CHATEAUBRIAND sobre NAPOLEÃO, escreveu que a “munificência divina” havia insuflado em TAURINO “o sopro mais forte que a argila humana de Jequié poderia receber”. [Metáfrase ao Comendador Taurino Araújo — texto de Washington Luiz da Trindade](#)

A *Metáfrase* interessa hoje menos pela grandiloquência própria de uma homenagem do que por sua anterioridade. Em 2011, não havia candidatura à Cadeira 32. O documento registra que a percepção de uma personalidade intelectual incomum precede em muitos anos a conjuntura atual.

O êxito socioliterário

Em 2022, ROMMEL ROBATTO empregou outro instrumental. Retomou a tipologia de A. L. MACHADO NETO, em *A Bahia Intelectual (1900–1930)*, para examinar TAURINO segundo critérios como comportamento social e político, sensibilidade social, capacidade de agregação, grau de especialização intelectual e êxito socioliterário. [Taurino Araújo: baiano de vanguarda, teoria universal — Rommel Robatto](#)

A expressão merece atenção. Literatura não existe apenas no instante solitário da escrita. Existe também na recepção, na circulação, na crítica, na formação de interlocutores e na capacidade de participar da vida cultural.

Êxito socioliterário, entretanto, não é concurso de popularidade. É categoria de existência social da obra. Essa distinção será importante quando chegarmos à opinião pública.

Guilherme Carvalho: a tradição que continua

Mais recentemente, GUILHERME JOSÉ DE CARVALHO NETO, escrevendo no portal oficial do TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA BAHIA sobre a memória de PAULO FURTADO, retomou expressamente a aplicação da tipologia de MACHADO NETO feita por ROMMEL a TAURINO, destacando capacidade de agregação social, êxito socioliterário e especialização intelectual. [Tribunal de Justiça da Bahia Dois meses sem Paulo Furtado — Guilherme José de Carvalho Neto, TJBA](#)

O texto situa a discussão numa tradição baiana mais extensa. Guilherme escreve que PAULO FURTADO recebeu e honrou uma linhagem que passa por JOSAPHAT MARINHO e SEVERINO VIEIRA, reunindo Direito, poesia, arte, memória, obra, presença social e capacidade de agregação, e conclui que essa tradição precisa continuar. [Tribunal de Justiça da Bahia](#).

Essa linhagem possui, aliás, comprovação documental no próprio arquivo da ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. No discurso de posse de EDVALDO BRITO, publicado na [Revista da Academia de Letras da Bahia](#), n. 58 (2020), ao recordar a convivência com PAULO FURTADO, o acadêmico registra que ele “honra a sucessão de JOSAPHAT” MARINHO. Essa formulação torna ainda mais precisa a ideia de continuidade aqui mobilizada: sucessão acadêmica, em sua melhor acepção, não é hereditariedade nem apadrinhamento, mas capacidade de receber uma tradição e fazê-la avançar eficazmente.

Linhagem intelectual não é herança ou apadrinhamento.

O que existe é uma concepção ampliada do jurista. JOSAPHAT MARINHO representa-a de maneira extraordinária; PAULO FURTADO, em outra geração, também. Nessa tradição, o Direito não encerra o intelectual dentro da técnica: comunica-se com cultura, pensamento, instituições e vida pública.

Nessa linhagem intelectual, TAURINO ARAÚJO não precisa abandonar o Direito para chegar à literatura, nem deixar a literatura à porta quando entra no Direito. Essa linhagem intelectual alcança também JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ e o fenômeno PRADO VALLADARES.

O Mercado das Sete Portas

MÁRIO NELSON CARVALHO encontrou uma imagem especialmente feliz para essa multitrajetória em [Taurino Araújo: O Mercado das Sete Portas — Sete caminhos de uma eloquente vocação genuinamente brasileira.](#)

Poeta, jurista, advogado, pensador, jornalista, crítico literário, artista visual, professor, ensaísta, organizador, curador, gestor e mentor: podem-se reconhecer treze frentes de atuação. Enumerá-las, porém, não explica TAURINO ARAÚJO. Apenas demonstra porque a enumeração é insuficiente.

MÁRIO NELSON, entretanto, encontra outra solução. Organiza a trajetória em seis grandes portas — poesia, pensamento, Direito e vida pública, crítica, construção cultural e arte — que desembocam numa sétima: a convergência. A sétima porta não acrescentaria outra profissão. Conteria as anteriores.

A poesia pensa. O pensamento interroga o Direito. O Direito encontra a vida pública. A crítica devolve pensamento à criação. A construção cultural transforma pensamento em encontro. A arte materializa procedimentos que reaparecem nas demais linguagens.

MÁRIO NELSON formula então a pergunta decisiva: por qual porta TAURINO deveria entrar numa Academia? Sua resposta: pelas *Sete Portas*.¹

Do Canoatan ao fenômeno Prado Valladares

Muito jovem, TAURINO ARAÚJO já transitava, no GRUPO DE ARTE CANOATAN, em UBATÃ, entre criação, organização cultural e cerimonial.

1 No desenvolvimento do ensaio, Celso Cunha Neto descreve a amplitude do perfil de Taurino Araújo por meio da circulação entre poesia, Direito, pensamento, crítica, docência, gestão, mentoria e artes visuais. A pergunta “O que ele não é?” funciona como síntese irônica dessa dificuldade classificatória. O crítico acrescenta que os ofícios se atravessam: Direito e hermenêutica, gestão e mentoria, crítica e leitura, docência e transmissão, arte e forma, poesia e síntese. Sociologicamente, essa enumeração interessa menos como soma curricular do que como indício de uma identidade intelectual transversal, cuja legibilidade depende da relação entre campos, recepção e formas de reconhecimento institucional. Cf. CUNHA NETO, 2026.

O cerimonial merece ser levado a sério. Ensina a receber, representar, articular pessoas, compreender ambientes, organizar acontecimentos e conferir forma pública à vida institucional.

Do CANOATAN ao presente mudaram a escala, os meios e os interlocutores. Permaneceu uma mesma disposição: criar, agregar, organizar, representar e realizar.

É nesse ponto que outra chave apresentada por MÁRIO NELSON ganha significado: o fenômeno PRADO VALLADARES. A referência interessa menos como paralelismo biográfico do que como identificação de um tipo de atuação cultural cuja importância não se encerra na produção individual, porque se prolonga na capacidade de organizar, representar, articular e realizar.

É por isso que considero adequada uma expressão aparentemente administrativa para descrever uma dimensão de TAURINO ARAÚJO:

Um executivo das letras e das artes.

TAURINO ARAÚJO é executivo no sentido original de quem executa. Não apenas imagina: realiza. Não apenas agrega nomes: constrói interlocuções. Não apenas concebe: cria condições para que algo aconteça.

[Signos em Transe](#) oferece demonstração concreta dessa capacidade ao reunir 62 autores, sete países e cinco idiomas numa construção cultural coletiva. O próprio registro bibliográfico da obra confirma essa dimensão internacional e multilíngue.

Aqui, agregação deixa de ser adjetivo. Vira resultado.

O artista e o embaixador cultural

Há ainda uma combinação raríssima na multitrajetória de TAURINO ARAÚJO: a arte visual convivendo, na mesma biografia, com a poesia, o Direito, o pensamento e o magistério. Destarte, surpreendentemente, o [GETTY RESEARCH INSTITUTE](#), por meio de sua *Union List of Artist Names* — ULAN — registra Taurino como “*Brazilian assemblage artist, poet, jurist, and professor*”, nascido em Jequié em 1968, tudo ao mesmo tempo.

Logo, em TAURINO ARAÚJO, criação, cerimonial, organização cultural, docência, jornalismo, Direito e artes visuais acabam convergindo surpreendentemente com resultado extremamente positivo.

À dimensão executiva, ou seja, essa aptidão para a interlocução, acrescenta-se aquilo que eu chamaria de perfil de embaixador cultural: a capacidade de atravessar ambientes, aproximar campos, estabelecer pontes e representar projetos e instituições para além de seus círculos habituais.

A memória da Cadeira 32

Essa chave de leitura foi formulada também por CELSO CUNHA NETO, da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA), ao inverter a pergunta habitual e indagar “o que a cadeira pede?”. Sua leitura aproxima a multitrajetória de TAURINO ARAÚJO da genealogia da Cadeira 32 e, em especial, da figura múltipla de MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE, convertendo a diversidade de campos — poesia, arte, magistério, jornalismo, diplomacia e pensamento — em dado interpretativo da própria sucessão acadêmica.²

E eis que a própria história da cadeira produz uma ressonância também muito interessante.

De modo semelhante a TAURINO ARAÚJO, seu patrono, MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE, reuniu poesia, pintura, jornalismo, teatro, magistério e diplomacia. Entre seus ocupantes esteve ARIANO SUASSUNA, outra personalidade cuja criação atravessou literatura, teatro, pensamento e universo visual e a invenção de palavras.

2 CELSO CUNHA NETO, integrante da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA), propõe ler a sucessão da Cadeira 32 a partir de uma inversão: não apenas quem deseja ocupá-la, mas o que a própria cadeira, por sua história, parece solicitar. Sua análise aproxima a multitrajetória de TAURINO ARAÚJO da figura igualmente múltipla de MANUEL DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE, patrono da cadeira. Mobilizado neste estudo de caso, o ensaio funciona também como documento de recepção crítica, permitindo observar como a genealogia de uma cadeira acadêmica participa da construção pública de critérios de pertinência e continuidade. Cf. CUNHA NETO, Celso. “Porto-Alegre, Taurino Araújo e a cadeira que o espera”. Feira Hoje, 6 out. 2026. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/arquivos/30670>.

Por isso, a comunicação entre literatura, pensamento, arte e atuação pública não é estranha à memória da Cadeira 32 e ZUENIR VENTURA acrescentou a essa história sua própria singularidade jornalística com a qual TAURINO ARAÚJO (1968-) o ano que não terminou... tanto se identifica.

Viabilidade e conjuntura

Volto então ao advogado trabalhista que sou. Decisão acertada, viabilidade e conjuntura importam. Mérito pretérito e oportunidade presente não são categorias excludentes. Uma Academia pode reconhecer aquilo que alguém realizou e simultaneamente considerar aquilo que essa pessoa ainda poderá realizar depois de eleita. Daí o diferencial de TAURINO ARAÚJO.

No vigor dos 57 anos, TAURINO ARAÚJO apresenta uma obra em movimento. *A Caterna* acaba de produzir extensa elaboração crítica. *Guadalupe Madre* recebe investigação internacional. *É tarde, mas não é tarde* abre uma frente de diálogo contemporâneo com CASTRO ALVES. A *Hermenêutica da Desigualdade* continua sendo recebida e aplicada para além do campo jurídico.

Ele não apresenta apenas obra realizada. Apresenta capacidade de futuro.

E escolheu um verbo particularmente revelador para explicar sua candidatura: chega das “margens interioranas de Jequié e Ubatã” para “trabalhar pelas letras do Brasil”.

Academia é também convivialidade

Do ponto de vista prático, conquanto proveniente de um observador externo, uma Academia é memória, mas não apenas isso.

É presença, frequência, interlocução, projetos, transmissão entre gerações e convivialidade. É o prazer intelectual do encontro entre pessoas diferentes em torno da literatura e da cultura, tendo a sociedade — a própria Civilização Brasileira — como partícipe e a Opinião Pública como intérprete.

O perfil acadêmico ideal, portanto, não precisa ser somente o de alguém capaz de eventualmente ocupar, silenciosamente, uma cadeira. Deve ser o de alguém disposto a trabalhar nela.

A Opinião Pública não vota, mas lê, interpreta

Há, finalmente, uma dimensão da conjuntura contemporânea que merece atenção.

As eleições acadêmicas são internas, mas o ambiente em torno delas mudou.

Obras estão acessíveis na rede mundial de computadores em tempo real. Estudos circulam. Entrevistas são reproduzidas. Documentos podem ser consultados. Trajetórias são comparadas. O público dispõe hoje de instrumentos que anteriormente pertenciam quase exclusivamente aos círculos especializados.

Essa circulação já alcançou a própria memória digital da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Em 15 de outubro de 2026, a seção “ABL na mídia” registrou, em páginas próprias, tanto o ensaio de CELSO CUNHA NETO, “PORTO-ALEGRE, TAURINO ARAÚJO e a cadeira que o espera”, quanto a matéria “Depois de ARIANO, é TAURINO”. O dado não equivale, evidentemente, a endosso institucional de candidatura; documenta, porém, que o nome de TAURINO e a produção crítica em torno de sua candidatura já integram o arquivo público pelo qual a própria ABL registra a recepção midiática de sua eleição.

A circulação jornalística do ensaio também se ampliou: depois da publicação original no [Notícia Livre](#), o texto foi republicado pelo [Jornal O Sollo](#) em 19 de outubro de 2026, acrescentando outro registro público à recepção da candidatura.

É aqui que o êxito socioliterário empregado por ROMMEL ROBATTO a partir de MACHADO NETO adquire inesperada atualidade. A eleição pertence aos acadêmicos. Mas o significado cultural da eleição não pertence exclusivamente a quem vota.

A Opinião Pública não vota na ABL, mas lê a eleição, a compreende e a interpreta. E essa leitura funciona em duas direções: a Academia interpreta os candidatos; a sociedade interpreta a Academia.

Isso não diminui a independência dos imortais. Apenas evidencia a dimensão pública de uma instituição cuja história pertence à cultura brasileira.

Taurino Araújo tem o perfil

Chego, enfim, à segunda metade do título. O que mais me chama atenção depois de percorrer essa trajetória é que as leituras não nasceram ao mesmo tempo, não foram produzidas pelas mesmas pessoas e não dizem a mesma coisa.

WASHINGTON TRINDADE percebeu precocemente uma trajetória fora do comum. NELSON CERQUEIRA encontrou no poeta uma cicatriz autoral na Língua Portuguesa. LÍCIA SOARES DE SOUZA encontrou a coerência transdiscursiva e formulou um dos juízos mais altos sobre sua originalidade intelectual. A recepção da *Hermenêutica da Desigualdade* encontrou a pretensão de uma epistemologia genuinamente brasileira. ROMMEL ROBATTO identificou capacidade de agregação e êxito socioliterário. GUILHERME CARVALHO recuperou uma tradição jurídico-humanística baiana em que Direito, poesia, arte, memória, obra e presença podem coexistir. MÁRIO NELSON CARVALHO encontrou as *Sete Portas*, a convergência e o fenômeno PRADO VALLADARES.

São olhares diferentes. E justamente por isso sua convergência interessa. Nenhum deles, sozinho, contém o gigantesco TAURINO ARAÚJO. Todos encontram alguma dificuldade em aprisioná-lo numa classificação única.³

3 O fecho de CELSO CUNHA NETO desloca a análise do currículo para a capacidade de uma obra representar o Brasil. A trajetória que parte de UBATÃ e alcança circuitos literários, jurídicos, artísticos e acadêmicos é apresentada como movimento das margens ao centro. O ensaio recupera a imagem autobiográfica da “ficha telefônica” como emblema de vontade de falar, persistência e voz pública, reforçando a ideia de convergência desenvolvida neste artigo. Nessa perspectiva, a passagem das margens ao centro oferece ainda uma chave para estudar

Criador pela obra, pensador pela elaboração, executivo pela realização e embaixador pela vocação agregadora. E antes de todos esses predicados: poeta.

Uma cadeira acadêmica pode reconhecer aquilo que alguém fez sem transformar-se em ponto final honorífico de sua biografia. Pode celebrar o passado e simultaneamente perguntar pelo futuro.

É precisamente aí que o caso individual ganha alcance sociológico: não se trata apenas de aferir um currículo, mas de observar como uma instituição literária interpreta, seleciona e incorpora trajetórias múltiplas em diálogo com sua memória, seu presente e sua projeção de futuro.

Por isso, a questão não se resume a saber quem possui obra para chegar à Academia.

É também perguntar quem possui obra, presença, independência intelectual, capacidade de agregação e disposição para trabalhar por ela depois de chegar.

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS guarda uma parcela extraordinária da memória cultural do Brasil. Mas uma Academia não se torna imortal simplesmente porque elege imortais. São os imortais, pela criação, pela presença, pela convivialidade e pelo trabalho, que a tornam cada vez mais viva.

No começo deste artigo perguntei que perfil pode contribuir para isso. Agora posso voltar à metáfora de MÁRIO NELSON. Há seis portas, seis possibilidades que autorizam a imortalização de apenas um sujeito, TAURINO ARAÚJO. A sétima é a convergência.

E a convergência reúne o poeta, o pensador, o homem do Direito e da vida pública, o crítico, o construtor cultural e o artista numa mesma vocação.

Como advogado acostumado a examinar obra, viabilidade e conjuntura, é daí que retiro minha conclusão:

Eleja um e leve seis: TAURINO ARAÚJO tem o perfil.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Revista da Academia de Letras da Bahia, n. 58*, mar. 2020. Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias. ISSN 1518-1766.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “ABL elege o jornalista e escritor Zuenir Ventura para sucessão do Acadêmico Ariano Suassuna”. Rio de Janeiro, 30 out. 2014. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/abl-elege-o-jornalista-e-escriptor-zuenir-ventura-para-sucessao-do-academico-ariano-suassuna>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “ABL na mídia - Galego Notícias - Porto Alegre, Taurino Araújo e a cadeira que o espera”. 15 out. 2026. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/abl-na-midia-galego-noticias-porto-alegre-aurino-araujo-e-cadeira-que-o-espera>

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “ABL na mídia - Galego Notícias - ‘Depois de Ariano, é Taurino’”. 15 out. 2026. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/abl-na-midia-galego-noticias-depois-de-ariano-e-aurino>

ARAÚJO, Taurino. *Hermenêutica da Desigualdade*. Belo Horizonte: Del Rey, 2019.

ARAÚJO, Taurino (org.). *Signos em Transe*. 2025. Registro no PhilArchive. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/ARASET>

BRITO, Edvaldo. “Discurso de posse”. *Revista da Academia de Letras da Bahia, n. 58*, Salvador, mar. 2020, p. 379-407, esp. p. 384-385.

CARVALHO NETO, Guilherme José de. “Dois meses sem Paulo Furtado”. Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, 2026. Disponível em: <https://www.tjba.jus.br/portal/dois-meses-sem-paulo-furtado/>

CARVALHO, Mário Nelson. Taurino Araújo: O Mercado das Sete Portas — Sete caminhos de uma eloquente vocação genuinamente brasileira. 2026. Disponível em: <https://galegonoticias.com.br/envios/2026/09/27/ee20a2f9d2f186c86d859cc93bf438ed0c328790.pdf> Versão acadêmica em inglês: SSRN/Elsevier, 30 set. 2026. Disponível em: [SSRN/Elsevier](https://ssrn.com/abstract=500783618).

CERQUEIRA, Nelson. *A Caterna*, de Taurino Araújo: um tratado crítico. 2026. Zenodo. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21993118>

CUNHA NETO, Celso. “Porto-Alegre, Taurino Araújo e a cadeira que o espera”. Feira Hoje, 6 out. 2026. Autor identificado como integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Disponível em: <https://feirahoje.com.br/arquivos/30670>

GETTY RESEARCH INSTITUTE. Union List of Artist Names (ULAN): registro de Taurino Araújo. Disponível em: <https://www.getty.edu/vow/ULANFullDisplay?find=500031609&nation=&page=1&role=&subjectid=500783618>

MACHADO NETO, Antônio Luís. “A Bahia intelectual (1900–1930)”. *Universitas: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*, Salvador, n. 12/13, p. 261–305, maio/dez. 1972.

ROBATTO, Rommel. “Taurino Araújo: baiano de vanguarda, teoria universal”. *Feira Hoje*, 2022. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/arquivos/11856>

SANTANA, Edson Reis. Castro Alves e a reinvenção condoreira na poética de Taurino Araújo. Manuscrito crítico não publicado, 2026.

SOUZA, Lícia Soares de. Protagonismo feminino em Guadalupe Madre, de Taurino Araújo: uma hipótese de coerência transdiscursiva. 2026. Zenodo. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.23217239>

TRINDADE, Rinaldo. “Eleja um e leve seis: Taurino Araújo tem o perfil”. *Notícia Livre*, 18 out. 2026. Disponível em: <https://noticialivre.com.br/eleja-um-e-leve-seis-aurino-araujo-tem-o-perfil/>

TRINDADE, Rinaldo. “Eleja um e leve seis: Taurino Araújo tem o perfil”. *Jornal O Sollo*, 19 out. 2026. Disponível em: <https://osollo.com.br/eleja-um-e-leve-seis-aurino-araujo-tem-o-perfil/>

TRINDADE, Washington Luiz da. “Metáfrase ao Comendador Taurino Araújo”. 2011. Portal do Recôncavo. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20150214180349/http://portaldoreconcavo.com.br/ultimas_noticias.php?codnoticia=819